

Um ato de heroísmo

Tirar o Museu Nacional da Imagem e do Som do papel é um ato de heroísmo, confessa o diretor do Arquivo Público, Luís Ribeiro de Mendonça. Embora tenha sido aprovado pelos poderes Executivo e Legislativo, a liberação das verbas ainda não aconteceu. "Resultado: a direção está fazendo 'vaquinha' até para comprar as fitas de gravação dos depoimentos", conta Mendonça.

O equipamento de som e vídeo é obsoleto, atrapalhando a coleta dos depoimentos e prejudicando a qualidade da imagem. Ontem, por exemplo, o coronel Affonso Heliodoro dos Santos, assim como as autoridades que estavam na platéia, eram interrompidos de 30 em 30 minutos para que a fita da câmara de gravação fosse substituída.

Muitas vezes a interrupção se deu em momentos em que a pessoa ainda estava no meio da história, atrapalhando o desenvolvimento do pensamento. Os convidados tinham de esperar cinco minutos para retomar o depoimento do momento em que a troca da fita foi necessária. "Tudo ainda é precário, mas não podemos perder a chance de conhecer o testemunho de quem presenciou a história", declara o diretor do Arquivo Público.